

Livro. Os perigos por detrás de uma adopção internacional

Os estragos emocionais dos raptos para adopção

Caso da Arca de Zoé, no Chade, chamou a atenção para esta problemática

CADI FERNANDES

Fui Roubada aos Meus Pais. O título, do livro da francesa Céline Giraud, (publicado em Portugal pela Editorial Presença), diz tudo, ou quase tudo, sobre o que pode estar por detrás de uma adopção internacional. Como se atestou, recentemente, com a polémica em torno da ONG Arca de Zoé, nem tudo são rosas nem histórias felizes, meninos e meninas sorridentes nos colos de Angelina Jolie, Madonna, Tom Cruise, Calista Flockhart, etc, etc, etc, no que parece ter-se tornado numa moda sem fronteiras. Feliz, mas também infelizmente.

"Há que estar vigilante", alertou Giraud em entrevista ao DN, ela própria vítima, não de uma adopção legal, mas de um rapto seguido de adopção, que só fez estragos emocionais, menos, claro, às pessoas que lucraram com o "negócio".

Por estes dias, os principais responsáveis pela francesa Arca de Zoé, estão presos no país de origem, condenados a oito anos de cativeiro pelo "exercício ilegal de actividade intermediária, tendo em vista a adopção". Mais prosaicamente, como entenderam os juizes Yann Daurelle e Martine Vezant, pela "tentativa de rapto de 103 crianças" africanas. Além disso, o respectivo presidente, Eric Breteau foi, no dia 13, após suspender a greve



Eric Breteau à chegada a França

de fome que cumpria na cadeia de Fresnes (Val-de-Marne), questionado por "ajuda à presença ilegal de menores estrangeiros em França" e por "burla". Durou três longas horas, a audiência.

Como na bíblica Arca de Noé, também aqui o objectivo primordial e declarado seria "cabem sempre mais um". Com uma tragédia em pano de fundo: o Darfur e os seus milhares de órfãos. Como dissera em entrevista ao jornal *La Voix du Nord*, antes de partir para o Chade, em 2007, Breteau, ex-dirigente da Federação Francesa de Veículos Todo-o-Terreno, agente comercial,

perfil

CÉLINE GIRAUD



- Nasceu em 1980, no Peru
- Mãe foi enganada e acabou adoptada por casal francês, que desconhecia a patranha
- Descobriu a verdade, por acaso, aos 23 anos
- A jornalista Emilie Trevert ajudou-a a escrever o livro

5 perguntas a... Céline Giraud

AUTORA DO LIVRO: FUI ROUBADA AOS MEUS PAIS

"A adopção pode ser uma forma de transacção comercial"

O que pensa da recente polémica em torno da Arca de Zoé?

Esta polémica demonstra, mais uma vez, que o tráfico de crianças constitui um tema actual no âmbito mais alargado da adopção. Há que estar vigilante. Muitas vezes, desconhece-se a verdadeira origem das crianças que se adoptam.

Vai persistir este lado negro das adopções internacionais?

Sim, claro, infelizmente, é algo que nada nem ninguém podem controlar. Não gosto muito desta palavra, mas determinadas pessoas aperceberam-se de que a adopção pode ser uma forma de "comércio", uma transacção comercial. De um lado, existe a procura; do outro, a oferta, ou seja, famílias dispostas a tudo para sobreviver e que, às vezes, não compreendem o que dizem alguns mal intencionados.

Quais os motivos que levam a que se interponham tantos obstáculos às adopções?

Acredito que tal se fica a dever à ne-

cessidade de ter a garantia de que as crianças são entregues em boas mãos. Mas, por outro lado, são precisamente alguns desses obstáculos que propiciam o tráfico.

Tem opinião formada sobre as recentes adopções internacionais mediáticas efectuadas por Angelina Jolie, Madonna e outros?

Desde que as crianças estejam em boas mãos, não vejo nenhum problema, mas temos que admitir que essa facilidade pode ser algo injusta para as famílias que esperam anos e anos. Há, por isso, que entender a sua cólera.

Os países que, por tradição, eram "ninhos" para a adopção internacional apertaram as regras, sendo menos laxistas. Considera que o fazem por solidariedade ou, como já referiu, por puro negócio?

O que lhe posso dizer é que, na minha opinião, fazem-no para tentar criar obstáculos ao tráfico, mas isso é algo quase impossível. ■ - CF

bombeiro voluntário em Argenteuil, perto de Paris, e homem dado à solidariedade internacional desde o tsunami na Ásia, pretendia "evacuar dez mil crianças com menos de cinco anos, identificadas pelas comunidades locais como órfãs de pai e de mãe e carentes de família próxima, trazê-las para a Europa e também EUA e Canadá". O resto se veria. *Primum vivere deinde philosophare*, como sentenciavam os sábios antigos. "Primeiro viver, depois filosofar." No caso, "as questões legais não são prioritárias".

Lá está, são sempre prioritárias, o que levou a que os responsáveis da ONG fossem detidos e julgados por um tribunal de N'Djamena. O que correrá mal no meio de tanta boa vontade? Os menores não eram assim tão órfãos como pareciam...

"Negreiros dos tempos modernos", chamaram-lhes. Agora, está nas mãos do Presidente do Chade, a quem já chegaram os pedidos de clemência, "perdoar", ou não, tamanho voluntarismo. Mas, após declarar o estado de emergência no país, Idriss Déby terá certamente outras prioridades... ■